MOACYR G. ROSAS

DA VINCI

Paradoxo ou Mito?

MANAUS — AMAZONAS — BRASIL

MCMLV

"Moacyr G. Rosas, irônico e irriquieto cronista por vêzes mordaz, mas sempre elegante na sua linguagem". **Mithridates Corrêa,** TRÊS DISCURSOS ACADÊMICOS.

"Dedicado ao estudo das letras e da odontologia, o Dr. Moacyr G. Rosas vai se credenciando, não sòmente perante seus conterrâneos, mas em todo o país". A CRÍTICA, Manaus, 15.2.54.

"Tem-se dito e repetido que Moacyr Rosas é um cronista social de aguda sensibilidade artística, um verdadeiro apaixonado das bonitas cidades... Suas viagens servem para que êle melhor contemple o espetáculo do seu tempo. Por isso é

SEC-39592
-14142-

MOACYR G. ROSAS

(Da Academia Amazonense de Letras, do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, do Instituto de Etnografia e Sociologia do Amazonas, da Associação Odontológica Argentina, da Associação Odontológica Americana, membro titular da Associação Brasileira de Cirurgia Buco-maxilar e sócio correspondente da Academia Brasileira de Odontologia).

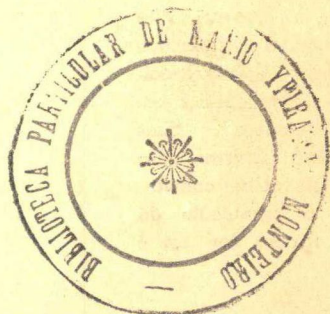
DA VINCI

PARADOXO OU MITO?

Ao glorioso escultor amazonense Prof. Dr. Mario Ypiranga Monteiro, com um abraço amigo do Moacyr G. Rosas 8/5/55

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

MANAUS — AMAZONAS — BRASIL

MCMLV

AmM 0348

(Separata da Revista da Academia Amazonense de Letras)

OBRAS DO AUTOR

ODONTOLOGIA:

Antropodontologia
Endoductodônciografia
A Odontologia do Século XX
Crônica Odontológica de Luís XIV

LITERATURA:

Dois Discursos Acadêmicos
Byron — poeta enigma
Cidades, Homens e Livros
Da Vinci — paradoxo ou mito

EM PREPARO:

Lanterna de Diógenes

Ainda me não foi possível explicar o motivo que contribuiu para a tumultuária personalidade de Leonardo Da Vinci exercer tamanha influência em mim mesmo. Procuro às vezes encontrar a fórmula esclarecedora desta causa nas inúmeras reproduções da *Santa Ceia,* que eu via, diariamente, ora suspensas nas paredes das casas residenciais de minha terra, ora nas páginas dos livros religiosos ou nos tratados das obras de arte. Depois, a interrogação, um pouco desabusada de minha adolescência, indagava com que autoridade o grande pintor arrumou os apóstolos à mesa, se os Evangelhos não cogitam na posição dos mesmos. Mais tarde, tive a impressão de ouvir as palavras de Édipo respondendo a pergunta da Esfinge impiedosa, quando me inteirei das versões que historiavam a maneira como foi pintado o afresco imortal. A cabeça de Cristo, alí representada, reza uma das variantes, pertence a um louro mancebo milanês. Conta-se que, certa manhã, Da Vinci, ao passar diante de uma capela, em Milão, ouvindo uma voz encantadora modulando hinos religiosos, disse de si para si: "O dono desta voz deve ter o rosto de Jesus". Sério problema, todavia, defrontou o insígne artista para demover o jovem da grande modéstia que lhe não permitia aceder ao convite para que seu rosto servisse de modêlo ao de Jesus, quando a cabeça de Iscariotes, pertencente ao mesmo mancebo, que se tornara um ébrio habitual, meses

depois por uma ironia do destino, se oferecia a Leonardo para posar em troca de insignificante remuneração. Oportunamente voltarei a falar dêste assunto. Tôda a obra e tôda a vida de Da Vinci, a suprema expressão mental da Renascença, estão envolvidas em nebulosidades históricas e fatos paradoxais. Nasceu dos amores ilícitos de certo fidalgo com uma campezina dos arredores de Vinci e a orfandade o surpreendeu em plena infância. A madrasta dá-lhe irmãos, os quais, escudados na lei, lhe usurpam tôdas as prerrogativas que, porventura, um verdadeiro pai possa legar a um filho órfão. Até do seu apelido foi despojado e, por isso, o seu nome de batismo é seguido do da terra natal; enquanto que o nome paterno, embora identificado em nossos dias, depois de sepultado há vários séculos, jamais se ligou ao do filho genial. Assim, a ironia e o enígma serão a estrutura medular tanto de sua vida como das investigações dos seus biógrafos. Os contemporâneos, artistas, escritores e políticos, não o compreenderam. Do mesmo modo os seus sucessores ainda não o interpretaram definitivamente. Freud, num estudo fartamente documentado, abre novos horizontes para exibí-lo ao mundo. Entretanto, quando êste cientista austríaco o denuncía de nunca se haver aproximado intimamente de mulher alguma, desautoriza milhares de páginas forjadas nêstes quatrocentos anos com as mais sadías das intenções. Ainda o mesmo Freud, reproduz em "Uma recordação infantil de Leonardo Da Vinci", um desenho do glorioso florentino, em que autentica uma ignorância crassa do áto fisiológico do amôr. Isto bastante nos surpreende, quando é useiro e vezeiro proclamá-lo a maior cerebração

do fim da Idade-Média. Inteligência onímoda, "cujos limites, segundo Burckhardt, apenas suspeitamos e nunca fixamo-los" atuaram decisivamente nas inovações pictóricas da Renascença italiana. Em contraste, só aquele fato basta para duvidarmos de sua tão decantada sabedoria. A primeira impressão que temos ao defrontar o legendário florentino, é a de que êle fôsse um infatigável trabalhador. Todavia, a sua obra pictural, tôda ela foi realizada com rara lentidão, tão notável que se tornou proverbial nos meios intelectuais e artísticos dos lugares onde êle esteve aplicando a sua arte. Além da morosidade, outra deficiência possui Leonardo, que é a falta de capacidade de concluir os seus trabalhos. Eis como o terceto de um antigo soneto, da lavra de um de seus críticos, se refere a essa condenável modalidade de seu talento:

Protogen che il penel sue pitture
Non levava, agguaglio il Vinci Divo,
Di cui opra non e finita pure.

Sendo um artista profundamente intelectual, não podia, de nenhum modo, dar-se por satisfeito com qualquer obra plasmada por suas mãos. Seus adversários não conjeturaram que aquele homem, passando anos inteiros encerrado em seu estúdio, realizava obra de um gênio dos mais dinâmicos e perfeitos, que jamais tivera a humanidade. Do púlpito é atacado pelo verbo comburente do implacável Savonarola, que acreditava viver o pintor dando-se à prática de alquimia cabalística. No entanto, a verdade era muito outra. Ainda naquele tempo se acreditava que o homem só possuia vinte e três costelas. Por isso, Da Vinci dissecando o corpo do cavalo, abria novos rumos

para a anatomia, que nada evolvera desde a era remota de Galeno. Assim, trabalhando para o ser humano, recebia os dardos da calúnia arremessados da tribuna religiosa. E não era só êste o mister do incansável perquiridor da natureza. Desejava, ao jeito de Ícaro, escalar o céu, mas todavia em aparelho construido cientificamente. Assentava as suas conclusões mecânicas estudando os esqueletos dos pássaros. Da mesma forma, em nosso tempo, procedem os alemães, segundo uma comunicação que me fizera o insígne professor Luiz Giovacchini, da Universidade de Buenos Aires. Na juventude, aos dezoito anos, Da Vinci aperfeiçôa os seus dotes pictóricos no *atelier* do pintor Andréa Verocchio, que não só pintava como exercia com talento as profissões de arquiteto e escultor. Um dia o mestre pede ao jovem discípulo para pintar um anjo e quando notou que as figuras traçadas na tela pelo discípulo superavam às suas, renunciou para sempre à pintura. Aos vinte cinco anos põe-se a trabalhar para Lourenço, o Magnífico. Cinco anos depois, parece que desencantado com a "compreensão intelectual e artística dos Médicis", e sabendo que Ludovico il Moro, duque de Milão, membro da célebre casa Sforza, precisava de um arquiteto civil para reformar os bairros pobres, Da Vinci dirige-lhe certa carta, que até hoje nenhum ser humano teve a audácia de elaborar uma semelhante, tamanhos eram os atributos que o capacitavam. O grande artista dizia-se arquiteto, pintor, filósofo, compositor, atleta e escultor. Deixava, ainda, transparecer que possuia certa autoridade em assuntos de física, matemática e anatomia; e, além do mais, era também inventor. Se eu não esti-

vesse bem informado dos aspectos assombrosos de sua inteligência, chamá-lo-ia simplesmente de cabotino. Ainda, além de tudo isso, êsse homem extraordinário preparava opíparos banquetes, cuja originalidade impressionava sobremodo os nobres comensais. Tocava vários instrumentos e, principalmente, o alaúde, que era dominado com superior competência. Tanto lhe sabia extrair trechos harmoniosos como fabricá-lo com perfeição. Êste *homo universalis* deixa sempre em suspenso os biógrafos que lhe queiram visionar objetivamente. Da Vinci é quasi uma lenda. Vive exatamente 77 anos. Vulgarmente o número sete é conta de mentiroso; e o ciclo da existência do discutido pintor tem dois setes. E' comum repetir, entre aqueles que lhe têm estudado a vida, que êle era canhoto. Outros concluiram que daí provinha o complexo de inferioridade, do qual se desfazia desenvolvendo uma atividade descomunal. Mas analisemos o caso. Não estariam, porventura, equivocados os estudiosos, repetindo falsas conclusões, tiradas dos manuscritos que o mestre deixara, enegrecidos de letras angulosas e linhas intrincadas, feitas com a mão esquerda, em consequência de um ataque de paralisia, que sofrera na velhice, deixando o braço direito imobilisado? Ainda outros, amparando suas opiniões nestas folhas garatujadas, arguem suspeição acusando o caracter desconfiado e egocêntrico do artista, que procedia daquela maneira para ocultar dos outros os seus processos de execução. Quando o comentarista reproduz uma idéia é porque também a endossa. Sem embargo, é por conta exclusiva das infâmias a que todos os homens superiores estão sujeitos. A curiosidade de Leonar-

do levou-lhe a devassar o mundo da química, o que lhe incentivou, debaixo do maior sigilo, a confeccionar as fórmulas das tintas empregadas nos afrescos e nas telas. Pelo visto, devia ser um material de qualidade superior. A respeito se conta que, em Florença, as paredes do salão do Conselho foram cobertas com trabalhos de sua autoria, nos quais empregou tintas de sua invenção. Cincoenta anos após, estavam horrivelmente feios, com o aspecto "duma espécie de caldo de feijão preto". Este fato desconcertante se coaduna, em linhas gerais, com tudo a que pertence ao artista. Com seu espírito renovador, o Papa Julio II arrebanhou os bons arquitetos, que viviam nas cidades próximas de Roma, para grandes remodelações no Vaticano. Entre aqueles, achava-se incluido Da Vinci; e, talvez por isso mesmo, o príncipe da Igreja não pôde realizar o que pretendia. Pouco tempo depois, a morte o emudeceu. Então a cátedra pontifical é ocupada por um membro da família Médicis, conterrâneo de Leonardo. Em tal circunstância, Da Vinci devia sentir um despontar de aurora. Mas justamente é o oposto que acontece. Nunca a sua alma fôra tão contundida como na Casa de São Pedro quando percebeu que o respeito que seus colegas lhe devotavam, provinha mais em decorrência de seus sessenta e um anos de sua idade, de que em reconhecimento ao seu talento. Êle era orgulhoso, mas percebeu que seus companheiros eram dotados de talento excepcional, e estavam em plena juventude. Miguel Angelo tinha 31 anos e Rafael, 23. Em certas profissões a idade pesa mais do que o tirocínio e nenhum trabalho é mais exaustivo do que o dêstes artistas. E o mister do maior sábio

da Renascença esgotava-lhe as fôrças em poucas horas de atividade. Quando esteve em Veneza, os habitantes desta singular cidade deram-lhe um imenso bloco de mármore para que o transformasse no símbolo sagrado dos indús — o elefante branco. Mas Da Vinci decepciona como sempre, pois o seu cinzel não feriu a pedra, embora o destino houvesse reservado ao mármore um lugar incomum na galeria das artes, quando Miguel Ângelo, anos depois, converteu-o no seu famoso *David.* O coração de Da Vinci era de uma ternura impressionante, chegando ao exagero de torná-lo vegetariano, para, deste modo, evitar sentir o sabor do sangue dos animais inocentes imolados para alimentar os sêres humanos. E, por outro lado, o seu cérebro, a serviço de César Borgia, no cargo de engenheiro civil, inventa armas cujo poder mortífero não tinha limites.

Em tôrno do glorioso pintor, Freud prova, em seu curioso estudo, a sua repulsa pelas mulheres; e, todavia, é Leonardo o autor do retrato feminino mais discutido no mundo. Não carecia, para se imortalizar, ter deixado mais do que esta discutida tela da *Monna Lisa* que, como a *Última Ceia,* é um curioso estudo psicológico das reações emotivas, onde se espelha a sua desintegração intelectual do formalismo servil de copiar os moldes greco-latinos. A grandeza de seu gênio tanto refulge em sua personalidade quanto no modo original de fixar as complexas nuanças da alma humana. Não obstante ser Gioconda, comenta um crítico, o retrato de uma criatura que existiu realmente, a esposa do napolitano Francesco del Giocondo, é muito mais do que uma simples semelhança fotográ-

fica. Aquele retrato é o símbolo feminino da humanidade. Foi êle que arrancou esta expressão de Théophile Gautier: "A Gioconda! a Gioconda! esfinge de beleza, que sorrí misteriosamente no quadro de Leonardo Da Vinci, e parece oferecer à admiração dos séculos um enigma, que êles ainda não alcançaram decifrar". O pintor soube fixar naquele rosto todos os pensamentos e sentimentos, os triunfos e as derrotas, a simpatia e, como bem o diz a frase de Walter Pater, "a brutalidade do gênero feminino através de incontáveis séculos". Um crítico de arte do século passado assim se expressa: "uma vida perpétua refletindo a um só tempo milhares de experiências". Autoridades em pintura chamam a atenção para a habilidade de Leonardo em pintar o jogo de luz e sombra usando um novo método de pontilhar as partes mais escuras com estrias de luz e vice-versa. E a respeito do sorriso da aristocrática napolitana, Van Loon, autor bem informado acêrca de arte e dotado do privilégio de tratar de tão sutil assunto com um estilo visivelmente medíocre, assim opina: "Como inúmeros artistas de primeira classe, brancos ou pretos, o velho Leonardo, grande arquiteto e excelente desenhista, não era, porém, pintor notável. O sorriso misterioso de sua Gioconda é puro desaso artístico. Leonardo fez o que pôde. Mas, à semelhança dos escultores da primeira época do Egito, da média era helênica e das nossas crianças, não lograra conseguir técnica adequada às suas ambições". E, mais adiante, reproduz o mesmo conceito: "é possível que o sorriso provenha da dificuldade de Leonardo em lhe pintar os lábios, já que, apesar dos seus conhecimentos de anatomia prática, os rostos não eram o forte do

grande artísta e o sorriso arcáico, que se nos deparou nas estátuas egípcias e gregas, assinala o momento em que o velho mestre é derrotado por uma bôca difícil de reproduzir". Ainda a respeito da discutida tela, Aretino, o virulento poeta satírico, diz que o pintor selecionava bons músicos capazes de executar suaves canções, para deleitar o aristocrático e belo modelo. Foi esta condição que o permitiu reproduzir o lânguido olhar da encantadora senhora. Sendo esta tela da autoria do artista paradoxal que é Leonardo, não poderia evitar que, em tôrno de sua arte se manifestasse a controversia em todo o sentido. Sugerem várias idades para Monna Lisa: asseveram uns que já passava da idade da mulher balzaquena. Ela devia ter atingido o começo do outono, acredita a maioria. Ainda mais: depois de vários anos de trabalho, o quadro ficara inacabado; e quem o encomendou não o teve de posse, pois foi vendido por quatro mil florins ouro a Francisco I da França, que o levou para Paris. No primeiro quartel deste século, Gabriel D'Annunzio focalizou o assunto, ao qual emprestou as magnificências de sua inteligência olímpica, estampadas em páginas de peregrina beleza, que serviram para alucinar, como taças de absinto, o cérebro de um italiano que furtou do Louvre o precioso quadro para o devolver à sua querida Itália. O sublime delito não teve o consentimento das duas nações, por isso a sorridente napolitana ainda hoje vive suspensa nas galerias do grande museu francês. Não é curioso que um homem riquíssimo encomende um retrato de sua formosa esposa para depois vê-lo exposto à venda? Não é também curioso, séculos depois, um homem furtar a requestada tela,

movido unicamente pelo alto sentimento patriótico? Só as coisas que se referem a Da Vinci podem proporcionar semelhantes fatos.

A fama da inércia do grande pintor permaneceu ligada às suas deficiências, até que Napoleão, ao estender as fronteiras da França sôbre as planícies da Itália, teve notícia de que um homem daquele país fizera "peça de artilharia capaz de disparar por meio de vapor comprimido". O corso, que sempre primara pelo seu gênio prático, tomou os manuscritos e os encaminhou ao Instituto de França, onde se decifrou a obra que hoje circula impressa pelo mundo. Assim como Shakspeare deve a Voltaire não ter permanecido mais tempo na obscuridade do ineditismo, Da Vinci deve o ter perdido a pecha de ocioso ao gigante de Austerlitz.

Até a indolência se apontou a um homem como Leonardo, que infatigavelmente pesquisou as leis da luz, das côres, das sombras, das perspectivas, a anatomia dos animais e a do homem. E' o que diz Solmi: "poi la passione dello studio era divenuta dominante, egli aveva voluto acquistare non più la scienza per l'arte, ma la scienza per la scienza". (*La resurrezzione dell'opera di Leonardo*). "Os fenômenos que gostava de pintar eram as fendas profundas da terra, recortes altíssimos de rochas, plantas e animais raros, embriões fósseis. Fazia isso evidentemente na crença de que o universo misterioso guarda mais segredos no fantástico e no incomum do que nas coisas corriqueiras e banais". Assim, Leonardo exibindo uma estranha face do mundo procurava ocultar-se, quando sabemos que em vida viajou muito e conviveu na intimidade de

inúmeros homens ilustres. Ainda hoje, com todo o depoimento de que lançamos mão, não temos autoridade suficiente para determinar seguramente a posição de sua portentosa personalidade nos numerosos campos do entendimento humano. Em Leonardo Da Vinci se ajusta bem este conceito: é mais fácil se lhe prender a sombra do que o corpo.

êle, incansável em fazer amigos, em criar situações festivas, em traçar paisagens memoráveis". **Mendonça de Souza.**

"Sua existência se vem resumindo num labor profíquo e ininterrupto, em desafio ao transcorrer dos anos, no louvável objetivo de elevar o renome da literatura e da odontologia no mundo de Colombo". **Silvino Silveira.**

"Dr. Moacyr G. Rosas é um dos que fazem o Amazonas mais conhecido lá fora, como uma terra que abriga filhos valorosos, inteligentes e capazes dos empreendimentos culturais mais difíceis" A GAZETA, Manaus, 17.11.955.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura